

Reduzida em GAZETA MERCANTIL 35% a dívida

Externa

do México

25 JUL 1989

por Getulio Bittencourt
de Nova York

O governo mexicano e o comitê assessor de bancos afinal chegaram a um acordo preliminar para a renegociação de sua dívida externa. Os bancos admitiram uma redução de 35% no principal, e não de 40% como queria o presidente Carlos Salinas de Gortari.

O México reuniu US\$ 7 bilhões de suas próprias reservas e de recursos do Banco Mundial (BIRD), Fundo Monetário Internacional (FMI) e Japão para reduzir 35% de sua dívida de US\$ 52 bilhões com os bancos comerciais. Isso significa que com US\$ 7 bilhões o México está abatendo US\$ 17,16 bilhões de sua dívida externa com credores privados.

"Não é um mau negócio, embora não seja o que os mexicanos esperavam", disse ontem a este jornal o embaixador brasileiro em Washington, Marcílio Marques Moreira. O acordo mexicano foi debatido em todos os encontros que Marcílio e o secretário internacional do Ministério da Fazenda, Sérgio Amorim, mantiveram ontem em Washington.

Eles estiveram com

Charles Dallara, no Departamento do Tesouro, e com o diretor da América Latina do BIRD, depois de visitarem o controlador da moeda, Robert Clarke. "Todos queriam conversar também sobre o acordo mexicano", diz Marcílio.

O acordo preliminar inclui três opções. A primeira é a troca dos atuais títulos da dívida por um novo bônus, com prazo de trinta anos para pagamento e garantia de cupom zero do Tesouro dos Estados Unidos para o principal. O juro é fixo, de 6,25%, mas com uma cláusula flutuante.

Essa cláusula de captura está vinculada a flutuações no preço do petróleo. Se após sete anos o preço do petróleo, a principal fonte de exportações do México, estiver acima de US\$ 14 por barril, os bancos,

(Continua na página 21)

Em editorial de ontem, o Financial Times comenta as negociações entre México e seus credores. Sobriamente administrado e seguindo uma política ortodoxa — diz o jornal —, o México está sendo recompensado com o alívio de sua dívida externa.

(Ver página 4)

Reduzida em 35%...

por Getulio Bittencourt
de Nova York

(Continuação da 1ª página)
credores podem capturar um terço do excedente — contanto que isso não seja mais que 3% dos juros. Ou seja, em sete anos a taxa anual de 6,25% poderá subir até o teto de 9,25%.

A segunda hipótese prevê a troca dos atuais títulos pelo novo, com a taxa de juros de mercado mas desconto de 35% no valor do principal. Há garantia do principal com cupom zero do Tesouro norte-americano, o mesmo esquema que o México fez com o Morgan

Guaranty Trust no ano passado.

A terceira hipótese abre espaço para colocação de dinheiro novo, por pressão dos grandes bancos credores do país em Nova York, que preferiam essa hipótese. Estima-se aqui um total de US\$ 3 bilhões a US\$ 4 bilhões em três anos, também menos do que se esperava.

"Com esse acordo, nós alcançamos nosso objetivo de reduzir de 6% do Produto Interno Bruto (PIB) para 2% as nossas transferências líquidas para o exterior", disse uma fonte do governo mexicano à agência Notimex.